

## Os anátemas de Guilherme Braga, ‘bispo de outra diocese’

**A**nthero Monteiro  
 Universidade de Aveiro  
 anthero.monteiro@gmail.com

---

### Resumo

Guilherme Braga foi autor de duas obras de relevo na luta anticlerical, que lhe outorgaram o estatuto de precursor imediato de Junqueiro e Gomes Leal. Os *Falsos Apóstolos* (1871) constituem um brado de indignação contra a escola jesuítica, eivada de violência e voltada para o passado e propõem uma escola laica, de sinal contrário. Trata-se de um folheto com algumas debilidades, mas que consegue comunicar graças à simplicidade de processos e ao uso de alguns estereótipos. Aplaudido pelos liberais, o autor foi anatematizado pelo bispo do Pará, o que originou a retaliação do panfleto seguinte – *O Bispo* (1874), obra mais sólida e mais aprimorada. A campanha do poeta, num anticlericalismo que podemos considerar cristão e interior, estava, de início, mais apostada em criar uma nova opinião pública do que em afrontar a religião. Dado que a sua voz não mereceu da Igreja a mínima reflexão, a sua segunda ofensiva foi radicalizada num anticlericalismo, que, mesmo defendendo Cristo, se pode dizer mais revolucionário, atingindo por vezes as raias do pornográfico.

**Palavras-Chave:** Guilherme Braga, anticlericalismos interior, revolucionário e pornográfico, antijesuitismo, estereótipos

---

### Abstract

Guilherme Braga was the author of two relevant works concerning the anticlericalism fight that bestowed him straightway the status of Junqueiro and Gomes Leal's predecessor. *Os Falsos Apóstolos* (1871) comprise a shout of indignation against the Jesuit school, tinted with violence and faced the past, and suggest a laical school in a complete opposite signal. It is a booklet with some weaknesses nevertheless it is able to pass the message due to the simplicity of processes and the use of some stereotypes. Cheered by the liberals, the author was excommunicated by the bishop of Pará, causing a retaliation booklet – *O Bispo* (1874) – a much more solid and enhanced work. The poet quest, in an anticlericalism that we can consider as Christian and from within, was at first more inclined to create a new public opinion rather than go against religion itself. Once his voice wasn't worthy of even the smallest reflection from the Church, his second attempt was radicalized in an anticlericalism that, though defending Christ, can be said more revolutionary, touching even the borders of pornography.

**Keywords:** Guilherme Braga, inner anticlericalism, revolutionary anticlericalism, pornographic anticlericalism, anti-Jesuitism, stereotypes.

## 1. Um precursor esquecido

Guilherme Braga, ainda que homenageado pela cidade do Porto, onde nasceu em 1845, com uma rua homónima, paralela à de Guerra Junqueiro, outro anticlerical, é hoje um poeta praticamente esquecido. Alguns dicionários, enciclopédias e sítios internéticos dedicam-lhe apenas algumas linhas, várias vezes com incorreções acerca da data e local de nascimento<sup>1</sup>, resumindo outros a sua obra a pouco mais do que uma alusão ao panfletário que ele foi de um «tosco e violento anticlericalismo»<sup>2</sup>. Fórmulas que vimos repetidas, com pequenas variações, e que mais parecem sentenças do julgamento final que só contribuem para condenar à morte perpétua quem devera dela ser preservado para constar das páginas eternas da Literatura, da Cultura e da História, sobretudo porque, apesar das imperfeições que possa haver nos seus versos, não podem, no mínimo, ser acusados de inanidade, de ausência de inovação ou de frescura.

José Gomes Ferreira, como ele, afinal, um “poeta militante”, diz, a respeito do escritor seu conterrâneo, que é «melancólico [este] país, onde os poetas morrem duas vezes: em vida e na morte!».<sup>3</sup> Com efeito, o que a morte faz a outros poetas, que é ressuscitá-los para a eternidade, a este, para além de o ter subtraído à vida com apenas 29 anos, a investidas de uma tísica impiedosa, parece ter-lhe desferido ainda o injustíssimo golpe de misericórdia do esquecimento.

Por isso, Mayer Garção, meio século após a sua morte, ocorrida em 1874, já o incluía entre *Os Esquecidos* que ele tentava devolver à posteridade. Atribuía-lhe o «fulgor do génio» e via nele um discípulo de Victor Hugo, ombreando por vezes com o mestre, sobretudo nas *Heras e Violetas*, uma poesia que, a seu ver, «devia ter soado, sentida e estridente, como tuba argentina» entre a «literatura piegas» do ultra-

---

\*Mestre em Estudos Portugueses, Universidade de Aveiro.

<sup>1</sup> Guilherme Braga nasceu, de facto, em 1845, segundo José Gomes Ferreira e outros autores, mas é muito frequente a indicação de que terá sido dois anos antes, lapso decorrente talvez da semelhança dos algarismos 3 e 5. Sobre o local de nascimento, as divergências oscilam entre a Rua das Aldas, a Rua de Santana ou a Rua da Bainharia, todas elas situadas no mesmo núcleo da cidade velha junto à Rua dos Mercadores. José Gomes Ferreira, escorado em Alberto Pimentel, grande amigo do poeta, garante que foi na Rua de Santana que ele nasceu e viveu até ao seu casamento. José Gomes Ferreira, “Guilherme Braga” in João Gaspar Simões ( direcção, prefácio e notas biobibliográficas), *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Edições Ática, II vol., 1948, p. 63.

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, 3.ª edição, Porto, Figueirinhas, 1978 e *O Grande Livro dos Portugueses*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.

<sup>3</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 73.

romantismo então reinante. Depois, comparando-o com Gomes Leal e Guerra Junqueiro, achava-o «o mais revolucionário de todos».<sup>4</sup>

Também Deolindo de Castro o considerava, em 1890, «o maior poeta revolucionário de Portugal»; Heliodoro Salgado via-o como «a mais robusta organização poética portuguesa dos nossos dias», excedendo Soares de Passos na suavidade do seu lirismo, Junqueiro em virilidade, Gomes Leal em método e o próprio Antero em capacidade de trabalho, e Teixeira de Brito alcandorava-o a «o poeta da Liberdade! [que] hasteou o lábaro duma guerra sacrossanta, guerra de morte, contra a vagabundagem monárquico-religiosa que pulula como tortulhos nas sacristias e nas repartições do estado».<sup>5</sup>

Alberto Moreira, que estudou a influência de Victor Hugo na mentalidade portuguesa da segunda metade do século XIX, lembra que o romântico da *Légende des Siècles*, com quem Guilherme Braga se correspondeu, lhe chamara «água ativa do génio».<sup>6</sup>

Hoje talvez pareça ridículo que Hugo tenha sido frequentemente convocado para cotejo com um poeta de um estatuto tão modesto, pelo menos na história literária corrente, como o autor das *Heras e Violetas*, mas o certo é que o já aludido Heliodoro Salgado não encontrava nos *Châtiments* do escritor francês «nada superior» a alguns excertos de *Os Falsos Apóstolos* de Guilherme Braga, a rivalizar também, segundo ele, com a “Cruz Mutilada” de Herculano.<sup>7</sup>

Silva Pinto, o amigo de Cesário Verde e promotor da edição do seu *Livro*, considerava o vate portuense «o maior de todos nós».

Alberto Pimentel reputava-o como «o maior poeta que tem honrado a literatura portuense depois da morte de Soares de Passos» e o seu segundo livro panfletário, *O Bispo*, «uma obra-prima de luta religiosa», um poema que «há-de ser para todo o sempre modelo de poesia vigorosa, agressiva, revolucionária».<sup>8</sup>

<sup>4</sup> Mayer Garção, *Os Esquecidos*, Lisboa, Empresa Editora e de Publicidade A Peninsular, 1924, p. 123 a 127.

<sup>5</sup> Deolindo de Castro, Heliodoro Salgado, Teixeira de Brito, Delphim Gomes, *Homenagem aos Mortos – Guilherme Braga*, Coimbra, Typographia União, 1890, p. 5 e 11s. A edição deste livro de homenagem pelo 16.º aniversário da morte do poeta não ultrapassou os 20 exemplares.

<sup>6</sup> Alberto Moreira, *Victor Hugo – A sua influência na mentalidade portuguesa da segunda metade do século passado*, Porto, s.e., 1952, p. 16.

<sup>7</sup> Heliodoro Salgado, in Prefácio a Guilherme Braga, *Os Falsos Apóstolos*, 2.ª edição, Porto, Livraria Camões de Fernando Possas, 1895, p. XIVs.

<sup>8</sup> Alberto Pimentel, “Abraço de morte” in Idem, *Homens Datas*, Porto/Rio de Janeiro, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1875, p.111/113.

Bulhão Pato, deslumbrado com esse mesmo poema, viu-se obrigado a escrever ao poeta, («para mim o maior dos nossos dias»), para lhe manifestar as fortes impressões provocadas no seu espírito por aquela composição.<sup>9</sup>

Vários são os poemas da produção lírica de Guilherme Braga que deixaram marcas indeléveis em autores que os leram e sobre eles se pronunciaram. Há, pelo menos, duas composições que se destacam, ambas abordando, ainda que numa fuga clara aos cânones ultrarromânticos, o tema da morte, que lhe era incontornável, pois a ceifeira funérea sempre lhe rondou a casa, chegando ao ponto de lhe rapinar quatro filhas no espaço de cinco anos<sup>10</sup>: em *Heras e Violetas*, publicado em vida (1869), «Cadáveres», uma elegia que Heliodoro Salgado considera «prodigiosa» e Sampaio Bruno, «sublime», por ser «uma das raras páginas supremas, definitivas, em nossa moderna literatura» e, em *Poesias*, colectânea póstuma (1898) de apenas cem exemplares, da iniciativa de Rodrigo Veloso, «Na morte de Laura» (a quarta filha levada pela tísica), em que o mesmo Sampaio Bruno viu «uma pungitiva blasfémia cândida», Albino Forjaz Sampaio, «um modelo de revolta» e Mayer Garção, uma poesia que considera ter traduzido ainda com mais poderosa e fiel expressão aquilo a que Camilo chamou «a maior dor humana», sobrepujando, pelo que nela há de sublime, os versos de Hugo sobre a morte da filha «na catástrofe de Villequier». Bastariam estes versos, exagera Garção, «para o colocar a par dos maiores poetas do mundo!».

José Gomes Ferreira alvitra que o seu compatriota do século anterior é um dos raros «que, à custa de pujança de talento individual, conseguem sobreexceder a sua época», ficando, todavia, «esquecidos nas prateleiras ou entregues às traças das bibliotecas, enquanto outros «colhem implacavelmente venturosos os frutos de anos e anos de audácia, de preparação e de luta, quase sempre frustrada, dos pobres pioneiros cujos nomes se arrastam depois nos compêndios em letras minúsculas, de séquito». Ora, Guilherme Braga, segundo o mesmo depoente, «excede os mais poetas da época, não só em riqueza artística, mas em inquietude criadora e em faro que o levou a descobrir, primeiro do que ninguém, os caminhos poéticos, depois percorridos por Junqueiro, Gomes Leal e Cesário» e «a todos anunciou e adivinhou (panfletários, parnasianos e realistas) num estonteamento infixado, de senda para senda [...]».<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Bulhão Pato, *Sob Os Ciprestes – Vida Intima de Homens Illustres*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1877, p. 314ss e 329.

<sup>10</sup> Guilherme Braga tinha ainda um filho (Guilherme Vítor), que sobreviveu a todos (pai, mãe, irmãs), mas que viria a suicidar-se 24 anos após a morte do pai.

<sup>11</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 62s.

A noite assombrada de espectros em que se atolara o ultrarromantismo exigia essa inquietação e a busca da claridade e de novos caminhos, como que correspondendo, aliás, à febre fontista da construção de novas estradas, pontes, túneis e vias-férreas. A Europa ficara, de repente, mais próxima com a chegada do comboio a Badajoz, em 1863, e foi possível assistir, então, ao advento de novos livros, novas ideias, novas soluções.

Será oportuno lembrar, neste ponto, que os versos do poema “Progresso...” de Guilherme Braga, «foram expressamente escritos para ser recitados pelo actor Taborda, no Teatro S. João, em espectáculo de gala, no dia em que se inaugurou no Palácio de Cristal a exposição internacional do Porto»<sup>12</sup>, em 1865 (o ano da Questão Coimbrã e das *Odes Modernas* de Antero de Quental), ficando, assim a atestar uma época nova e a apontar um rumo de modernidade à literatura portuguesa.

O nosso poeta estava, pois, na vanguarda dessa busca, reunindo-se com os escritores portuenses de *A Grinalda*, grupo de certa forma precursor daquela Questão Coimbrã<sup>13</sup> e em que pontificava Custódio José Duarte, cuja obra se iria perder nos arcanos do mar, por vontade do autor, mas cujo contributo, sobretudo no tocante às influências de Hugo, ao seu «lirismo épico» e aos seus alexandrinos, fora determinante para Guilherme Braga.

«Poeta de encruzilhada», os seus versos são atravessados ainda por indícios baudelairianos, clarões satânicos, vestígios de Byron e notórias antecipações a António Nobre, pela mestria com que exprime a dor física e o seu próprio drama de enfermo condenado, ou a Cesário Verde, pela naturalidade da sua linguagem coloquial, despida de artifícios e do abuso de hipérbatos.<sup>14</sup> Neles, assevera José Gomes Ferreira, até os «de sete sílabas perdem aquele tom enfatuado e hirto de tábuas de caixão que Soares de Passos lhes dava [...] e tornam-se vivos, pitorescos, candentes, ágeis, sensuais, improvisados, frementes de fuga e voos de transporte para outros mundos [...]».<sup>15</sup>

Albino Forjaz de Sampaio, no prefácio da 3.<sup>a</sup> edição de *Heras e Violetas*, assinala, também ele, este carácter de precursor do poeta: «a sua obra de combate foi de

<sup>12</sup> Nota ao poema “Progresso...” in Guilherme Braga, *Heras e Violetas*, 1.<sup>a</sup> edição, Porto, Typ. da Livraria Nacional, 1869, p. 95.

<sup>13</sup> Cf. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17.<sup>a</sup> edição, Porto, Porto Editora, 1996, p. 759.

<sup>14</sup> Cf.: Maria da Graça M. de Sá, “BRAGA (Guilherme)” in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. I, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 1995, p. 740; António José Saraiva e Óscar Lopes, *op. cit.*, p. 764 e Eugénio Lisboa (coordenação), *Dicionário Cronológico de Autores*, Vol. II, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990. p. 275.

<sup>15</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 67.

algum modo a guarda avançada dos versos candentes de Junqueiro, dos quadros artísticos de Guilherme de Azevedo, das indignadas violências de Gomes Leal. Marcou a sua época e pelo ardor dos seus versos revolucionou não só a sociedade do seu tempo mas até a própria poesia».<sup>16</sup>

Os dois panfletos anticlericais a que, aqui, faremos especial referência – *Os Falsos Apóstolos* (1871) e *O Bispo* (1874) – são, pois, confirmam-no António José Saraiva e Óscar Lopes, «precursores imediatos dos de Gomes Leal e Junqueiro».<sup>17</sup>

O autor de *Heras e Violetas*, essa «tuba argentina» a que aludia Mayer Garção, tendo dado à sua obra um título que, afinal, remete para a modéstia e para a humildade, conheceu, em vida, exaltantes momentos de glória, que os palcos ou as tribunas de alguns teatros, como o S. João e o Baquet, conheceram, ou que foram testemunhados pelo imperador, pela Rainha D. Maria Pia e pelo Rei D. Luís, «que o condecorou com o hábito de S. Tiago fazendo-o sentar, mais tarde, à sua mesa no palácio de Sintra».<sup>18</sup>

Mas o poema epigráfico desta coletânea tem um carácter profético: «As heras são da ruína, as violetas da sombra... / É sombra o meu futuro! é ruína o meu passado!». À ruína do corpo que tão precocemente o subtraiu à vida («Meu Deus, sofre-se assim e o céu cheio de estrelas» terão sido as suas últimas palavras) acresce a sombra para que tem sido remetido o seu nome pelo cilindro do tempo e pelas aparentes estratificações da História.<sup>19</sup>

Poderá colocar-se a hipótese de não ter sido alheio a este processo de sonogação o facto de se tratar de um poeta condenado pela Igreja e envolvido nas trevas de um obscurantismo ditado por largos períodos de uma história dominada pelo altar, tantas vezes em conluio com o trono e com a tirania. É verdade que poetas como Junqueiro e Gomes Leal, como ele insubmissos, têm ainda hoje o brilho de estrelas de primeira grandeza, mas foram rebeldes que mais tarde procuraram a reconciliação, ao passo que Guilherme Braga, ainda que erguendo a voz contestatária do interior da fé cristã, que

<sup>16</sup> Albino Forjaz de Sampaio, in Prefácio a Guilherme Braga, *Heras e Violetas*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Empresa Lusitana Editora, s/d, p. 3.

<sup>17</sup> António José Saraiva e Óscar Lopes, *op. cit.*, p. 764.

<sup>18</sup> Cf. Roberto Vaz de Oliveira, *Homens do Porto-Barcelos e a Vila da Feira*, Aveiro, separata da revista *Aveiro e o Seu Distrito*, 1971.

<sup>19</sup> Serafim Guimarães (Cf. “Guilherme Braga, um nome das Letras com íntimas ligações a Santa Maria da Feira”, in *Villa da Feira Terra de Santa Maria*, Santa Maria da Feira, Liga dos Amigos da Feira, ano II, n.º 4, Junho 2003, p. 55 a 64) opina ter havido, em vida de Guilherme Braga, «uma sobrevalorização do seu mérito como homem de letras» e justifica o esquecimento a que foi votado pelo «juízo definitivo da história». Ora, o juízo da história não pode, a nosso ver, considerar-se definitivo, porque a história continua a fazer-se (e a desfazer-se). Considere-se, por exemplo, a história que se fez (e já não se faz) apoiada em milagres ou no favor divino, como se o expoente máximo da Justiça pudesse ser um Deus parcial...

nunca renegou, também não abjurou o espírito de Liberdade que o animava (e tradicionalmente animara e animaria a sua cidade) nem os ideais humanitários que abraçara nem, simultaneamente, a preocupação permanente e legítima com o retorno lustral às fontes do cristianismo.

## 2. Contexto e ideais

José Gomes Ferreira refere que a feição boémia do jovem poeta, amigo da noite e do absinto<sup>20</sup>, é claramente ofuscada pela marca mais vincada da sua personalidade: «um ideal de heroísmo», assente numa «concepção heróica da existência» e que ele soube concretizar com a sua capacidade de intervenção, como «poeta-tribuno, intérprete dos ideais da ala esquerda da burguesia, tão coincidentes com os seus próprios anseios».<sup>21</sup>

A esse pendor heróico se ficou a dever, não só a publicação, já antes de *Heras e Violetas*, de *Ecos de Aljubarrota* (1868), um poemeto de exaltação patriótica contrário à união ibérica, que levantou grande celeuma na imprensa espanhola<sup>22</sup>, mas também o seu combate anticlerical empreendido, na esteira das *Odes Modernas* de Antero, com *Os Falsos Apóstolos* (1871) e concluído depois com *O Bispo* (1874). Mas já nas *Heras e Violetas*, o autor tinha inaugurado este último filão com um longo poema intitulado “Versos escritos num dia santificado”, em que, invocando Michelet e Renan como refúgio (e, segundo Heliodoro Salgado, no que toca aos «principais trabalhos de crítica sobre o cristianismo, apenas se familiarizara» com o autor de *A Vida de Jesus*<sup>23</sup>), dá a conhecer duas imagens opostas do ministério sacerdotal: o padre primordial, profeta e solitário, que «falava a sós com Deus», tinha por «templo o céu azul» e «em cada monte achava uma tribuna a santas prédicas» e que, um dia, tendo baixado das solidões para servir a divisa «Ou crês, ou morres», origem da corrupção, da hipocrisia, da

<sup>20</sup> Alberto Pimentel (*Cf. Atravez do Passado*, Paris/Lisboa, Guillard Aillaud, 1888, p. 5) escreve que Guilherme Braga «vivía à lei dos grandes poetas daquele tempo. Bebia absinto, trazia o cabelo comprido e levantava-se às quatro horas da tarde».

<sup>21</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 64

<sup>22</sup> Estes versos bastariam para entender o alvoroço causado: «Dizem que o povo de Espanha / É nosso irmão... Sendo assim, / Quem as ameaças estranha / Dum irmão como Caim?» (Guilherme Braga, *Eccos de Aljubarrota*, Porto, Typographia Lusitana, 1868, p. 12). Sobre este poemeto, alguém escreveu, na altura, a seguinte apreciação: «Poesia e patriotismo – é o que se respira nestes versos de Guilherme Braga. [...] Expressão energética, escolha de rima, robustez de pensamento, metrificação escrupulosa... tudo isso vemos, e em poucas páginas.» (“Guilherme Braga – Eccos de Aljubarrota” in *O Aristarco Portuguez – Revista annual de critica literaria*, Coimbra, 1868).

<sup>23</sup> Heliodoro Salgado, in Prefácio a Guilherme Braga, *Os Falsos Apóstolos*, 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Camões de Fernando Possas, 1895, p. XII.

intolerância, dos autos-de-fé inquisitoriais e de todos os abusos, se transformou no «truão da divindade».

Guilherme Braga, a quem muito deve a causa republicana, já que fundara em 1870 o primeiro jornal de importância nacional para servir esse objectivo – a *Gazeta Democrática* –, sendo, por tal motivo, saudado por Victor Hugo como «concidadão da República Universal» e como detentor de uma «grande consciência da Liberdade»,<sup>24</sup> colaborava entusiasticamente no *Diário da Tarde*, surgido à estacada um ano depois (Setembro de 1871) para estear a campanha contra «as audácias dos filhos de Loyola», como diz Heliodoro Salgado, que fala da recetividade dos espíritos liberais em relação a «tudo quanto aparecesse com o carácter de uma contramina jesuítica», muito embora, concluía ele, não se tratasse propriamente de uma guerra de religião: «Não. Por então o cristianismo não estava em causa».<sup>25</sup>

José Gomes Ferreira adverte também que essa luta, «no fundo, não visava os fundamentos filosóficos da Igreja ou a existência de Deus, mas a purificação do sentimento religioso, o enaltecimento do cristianismo e, de colaboração com os jornais republicanos, a vigilância dos “maus padres” [...]».<sup>26</sup>

A campanha anticlerical de Guilherme Braga não estava, portanto, ainda empenhada no «exílio de Deus» e na assunção plena pelo Homem do seu próprio destino. Antes, era ainda uma extensão do movimento desenvolvido pelos intelectuais, a partir da primeira geração romântica, como grupo de pressão destinado a favorecer uma nova «opinião pública» apostada na função emancipadora de uma cultura de índole cada vez mais secular e científica, em detrimento das concepções teológicas e metafísicas dominantes. Visava, sim, debilitar o poderio económico, político e, principalmente, cultural da Igreja, mas pretendia um consenso nacional regenerador que evitasse a rutura radical com a religião, considerada ainda «uma instância decisiva de sociabilidade», como diz Fernando Catroga, que vimos seguindo e continuaremos a seguir de perto.<sup>27</sup>

Lembremos que uma das bases em que assentava o romantismo português residia na revitalização do sentimento religioso, mas, porque ele se apoiava também num crescente espírito de liberdade e de cidadania nacional, o movimento anticlerical

<sup>24</sup> Cf. Alberto Moreira, *Victor Hugo – A sua influência na mentalidade portuguesa da segunda metade do século passado*, Porto, s. e., 1952, p. 15.

<sup>25</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. VIII.

<sup>26</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 64.

<sup>27</sup> Fernando Catroga, «Cientismo, Política e Anticlericalismo» in José Mattoso, *História de Portugal*, 5.º vol., Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 583-593.



de então assumia uma feição eminentemente anticongreganista, apontando o dedo acusador ao clero regular, votado a causas e a valores avessos aos ideais do liberalismo e, muitas vezes, submissos a tutelas estrangeiras.

A reconhecida vitalidade e supremacia da Companhia de Jesus tornava-a o alvo privilegiado de seculares hostilidades, o “bombo da festa”. Expulsa de vários países quase 30 vezes, desde o início do século XIX, a «hidra jesuítica», eloquente expressão utilizada por vários detratores, entre os quais Silva Pinto<sup>28</sup>, regenera-se, ergue de novo as múltiplas cabeças, alastra, domina, insinua-se em todos os setores, fortalece o seu poderio espiritual e temporal. Ainda há pouco Joaquim António de Aguiar decretara a extinção das ordens religiosas (1834) e já o jesuitismo recomeçara a prosperar ao ponto, de 24 anos após a publicação de *Os Falsos Apóstolos*, ao prefaciá-la a 2.<sup>a</sup> edição, Heliodoro Salgado se queixar de que «Portugal é um feudo da Companhia, que de tudo se vai apossando, a começar pela escola».<sup>29</sup>

Mas não eram apenas os Jesuítas: Sampaio Bruno, ao explicar a génese de *O Bispo*, considera que a obra fora determinada pela reação à política de transigência dos reinados de D. Pedro V (1853 a 1861), «um rei metafísico» que, imitando o processo retrógrado operado em França, introduzira no reino os lazaristas e as irmãs da caridade de proveniência francesa, que iriam exorbitar da sua missão educativa e filantrópica, e também à política de D. Luís I, altura em que o país cedera ao «cantochoão ultramontano» e se transformara num «campo-santo jesuítico», em que «os homens de Roma apoderaram-se da escola».<sup>30</sup>

Relacionando as datas, verifica-se que as obras anticlericais de Guilherme Braga surgem num contexto de reação a uma crescente atividade de consolidação do poder papal: Pio IX, através da Encíclica *Quanta Cura* e do *Syllabus* (1864), afirma o direito de a Igreja controlar a cultura, a ciência e a educação, provocando, assim, acesa polémica sobre a infalibilidade do Sumo Pontífice em matéria dogmática, logo depois consagrada pelo Concílio Vaticano I.

*Os Falsos Apóstolos* abrem com a dedicatória «ao enérgico e temido adversário da reacção ultramontana em Portugal, o grande historiador Alexandre Herculano», já então auto-exilado em Vale de Lobos, após todas as suas lutas empreendidas, sempre do

<sup>28</sup> Cf. Silva Pinto, *Combates e Críticas*, (1875-1881), prólogo de Camilo Castelo Branco, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1882, p. 464s.

<sup>29</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. VIII.

<sup>30</sup> J. Pereira de Sampaio (Bruno), *in* prefácio a Guilherme Braga, *O Bispo*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Livraria Camões de Fernando Possas, 1895, p. XIII a XV.

interior da fé, que nunca abjurara, contra as interferências da Igreja na alçada civil, contra a reintrodução das ordens religiosas e contra os Lazaristas e Jesuítas e pela defesa da tradição contra as inovações trentinas. O autor de *O Clero e Eu*, mas também da *Harpa do Crente* vira-se, de repente, afastado da Igreja, o que iria suceder também a Guilherme Braga, como punição pela rebeldia e contumácia que aprendera com o mestre.

Afigura-se-nos, pois, claramente que o autor portuense pretendia prosseguir esse combate por uma Igreja mais próxima das origens e mais consentânea com os princípios do Liberalismo.

Vários poemas das *Heras e Violetas* e das *Poesias* atestam o sentimento religioso do autor: a poesia “Destino”, inserida em ambas as coletâneas,<sup>31</sup> é mais uma voz que se junta ao coro dos mares, dos astros, das aves, de toda a raça humana e de toda a natureza para erguer um salmo de louvor ao Criador; em “Só Deus”,<sup>32</sup> ele é o único refúgio do peregrino, do nauta perdido, do órfão, da viúva, do cativo e de todos os desgraçados; em “Ao romper da manhã”,<sup>33</sup> os próprios ateus são desafiados a contemplar a aurora e a ouvir a harmonia prodigiosa que então se desprende da amplidão: «E dissei-me depois se há Providência, / E dissei-me depois se existe Deus.»; em “Ave, Maria, Gratia Plena”<sup>34</sup>, o nome da mãe de Jesus é invocado com todo o enlevo e respeito.

Mas o Cristo de Guilherme Braga, autor de traduções de *Atala*, de Chateaubriand, e de textos apócrifos da história cristã<sup>35</sup>, a comprovar o seu interesse pelos assuntos religiosos, não é o Crucificado eterno, inerte e inerte no madeiro do Gólgota, de onde assiste, impassível e de braços presos, a todas as injustiças. O sujeito poético do belo poema intitulado “Diante d’um Crucifixo”<sup>36</sup> increpa esse «Cristo pálido e morto», brada-lhe que acorde, acusando-o de dormir ou cismar, enquanto «a

<sup>31</sup> *Heras e Violetas*, p. 11, e *Poesias*, p. 94-96.

<sup>32</sup> *Poesias*, p. 113s.

<sup>33</sup> *Poesias*, p. 25s.

<sup>34</sup> *Heras e Violetas*, p. 191s.

<sup>35</sup> Guilherme Braga, «A quem lê» in Chateaubriand, *Atala*, Renato, *O Último Abencerragem*, Porto, Livraria Chardron, 1917. Inclui um estudo seu sobre a obra traduzida. As últimas duas obras de Chateaubriand incluídas no volume não foram traduzidas pelo autor portuense. Cf. também G. B., *Vestígios da Tradição de Jesus – Amostras de uma tradução dos monumentos apocryphos de historia cristã*, Lisboa, Typographia Universal, 1871. Esta última tradução vem assinada apenas pelas iniciais do autor e é, de facto, atribuída ao poeta pela respectiva ficha de catalogação na Biblioteca Municipal do Porto.

<sup>36</sup> *Heras e Violetas*, p. 74 a 76.

humanidade imensa / na sombra andou perdida em procura de ti». Lembra-lhe que, quando Ele passou pelo mundo, espalhou nele sementes que agora frutificam:

«E tudo vai seguindo o misterioso rumo,  
À formidável luz de mil inovações,  
Ao ruído dos comboios, que entre nuvens de fumo  
Conduzem o progresso através das nações.

Refulge a ideia em tudo! Os templos do trabalho  
Enchem-se de clarões, de vozes, de rumor,  
E da quente bigorna, onde ressoa o malho,  
Saem constelações de vívido fulgor!

O patíbulo cai! Levanta-se a justiça;  
E, através do sendal, percebe a nova luz!  
O pobre é já melhor: não o morde a cobiça,  
Veste-lhe o seio a fé, se inda tem os pés nus.

As crianças sem pai... santa e bendita esmola!  
Esses órfãos do mundo, esses anjos de Deus,  
Acham enfim aberto o sacrário da escola,  
O ninho onde o futuro ensaia os voos seus!»

Sobeja, porém, muito que fazer e há aqueles que já perderam a fé e duvidam se um dia serão bafejados pela sorte:

«São esses, pois, ó Cristo, os Lázarus que esperam.  
[...]

Vem dar-lhes uma esp'rança. O abismo é tenebroso,  
E a sombra envolve tudo àquele que desceu...  
Só tu podes erguer o véu misterioso:  
Vem, pois, erguê-lo, Ó Cristo, e mostra-lhes o céu!»

O poema está datado de 1860. Ao publicar *Os Falsos Apóstolos*, onze anos depois, o autor denuncia os habituais instrumentos usados pelo reacionarismo – o trono e o altar – a que agrega um terceiro elemento, a escola, segundo ele cada vez mais dominada pelos jesuítas, que já tentara zurzir, nuns versos um tanto canhestros publicados no jornal *A Palavra*.<sup>37</sup> E, colocando-se na perspetiva dos seus antagonistas, justifica assim a indignação de que vêm os versos impregnados: para a obtenção do «aniquilamento da grande força popular, não basta a atrofia da consciência. [...]. Urge, portanto, matar também a inteligência; matá-la ao nascer».<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Cf. “Jesuítas” in *Poesia*, p. 135 a 141.

<sup>38</sup> Guilherme Braga, introdução a *Os Falsos Apóstolos*, Porto, Typographia Lusitana, 1871, p. 7 a 9.

E Heliodoro Salgado, no prefácio da 2.<sup>a</sup> edição, confirma que o ensino clerical, se centrava numa religião de morte, à imagem do Cristo-cadáver, e não numa religião de vida (*Ego sum vita...* – dissera Jesus), contrapondo assim o Cristianismo do combate pelo amor ao Catolicismo passivo, em que o clericalismo pretende fiéis de «cérebro parado, coração frio, actividade morta», enfim «o homem-manequim nas mãos do padre arlequin».<sup>39</sup>

Numa carta endereçada a Silva Pinto, agradece-lhe assim as palavras encomiásticas com que este acolheu a publicação de *O Bispo*:

«No silêncio que recebe de ordinário os meus livros, estimo ouvir, de quando em quando, uma voz amiga, que me envia uma saudação fraternal. Trabalho porque creio, e, para robustecer a crença que me incita, essa voz é para mim um eco da justiça futura, a que há-de dar-me também o meu quinhão de luz na aurora que se levantará então sobre as campas rasas de todos nós.»<sup>40</sup>

Guilherme Braga acredita, mas a sua fé não se traduz numa crença cega e seguidista, mas numa crença viva e ativa, acompanhada de trabalho e esforço por uma causa, identificável até em versos da sua obra lírica como aqueles que Rodrigo Velloso isolou de uma sua poesia inédita para os deixar lapidarmente gravados na coletânea das *Poesias póstumas*:

«Treme a Superstição, desmaia a Hipocrisia  
A Ignorância vacila e foge a Iniquidade!  
Ouve-se a voz de Deus: Minhas Irmãs, é dia!  
Levanta-te, Justiça! Acorda, Liberdade!»<sup>41</sup>

E se Deus não é posto de parte, o Homem participa na sua obra de forma diligente e empenhado em mudanças inovadoras. O primeiro poema de *Heras e Violetas* é a celebração do Homem, empreendedor, guiado pela «luz da ideia», e, ainda que relativizado pela sua condição de ser perecível, também ele apostado na sua própria dignificação e na derrota do mal:

«O homem é grande! Aos impulsos  
Das suas novas ideias  
Todas as velhas cadeias  
Vão largando os roxos pulsos!

<sup>39</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. XIIIIs.

<sup>40</sup> Silva Pinto, *op. cit.*, p. 331.

<sup>41</sup> “D’uma poesia inédita” in *Poesias*, p. 51.

Herói, não receia a luta:  
 Vencedor, ergue o vencido:  
 Se anda de luto vestido  
 Não é o sangue que o enluta.

Contra o mal, que nos domina,  
 Entra sem medo na liça,  
 E apeia a estátua Justiça  
 Do pedestal Guilhotina.»<sup>42</sup>

Repare-se na linguagem eminentemente cristã de alguns destes versos, que saúdam a libertação de todos os escravos, o perdão, a justiça, o respeito pela vida. No entanto, a convicção que ressalta desta redondilha transforma-se em profissão de fé quando o assunto é tratado em alexandrinos, à maneira do mestre Victor Hugo. E o poema “Progresso” é esse credo pessoal do poeta, afinal o ideário da sua «cidade eterna», pátria da liberdade, sempre aberta a todos, «excepto à tirania», e que, naquele ano de 1865, ao receber a exposição internacional, era um exemplo para a Europa e para a Mundo. Ao obscurantismo contrapõe o avanço das novas ideias; ao despotismo, a liberdade («a irmã gémea da vida»); à força que se ergueu na Praça Nova, a construção de um teatro ou de um monumento; ao arnês das guerras, «a blusa do trabalho, a estola do porvir»; à epopeia da cruz, «a epopeia da indústria», às sombras da História, a que os clarões das fogueiras da Inquisição, em vez de as desvanecerem, emprestaram um tétrico cenário, o novo sol duradoiro do progresso e a festiva marcha da humanidade para o futuro.

Essa marcha inelutável engrossara e, volvidos 6 anos, em 1871, podia escutar-se o tropel do cortejo que empurrava para diante o país e a Humanidade: lá fora, era a Comuna de Paris, não totalmente falhada, se tivermos em conta as transformações que o mito dela decorrente veio a introduzir no futuro dos povos (lembramos que um entre muitos dos seus objetivos era a completa laicização do Estado e da Escola); dentro das fronteiras nacionais, para além do já referido *Diário da Tarde*, a desancar na Igreja e nos Jesuítas, foram as Conferências do Casino, a aproximar Portugal da Europa, a dilatar horizontes revolucionários e positivistas e a ameaçar «a religião e as instituições políticas do Estado», foi o início da edição dos fascículos mensais das *Farpas de Eça e Ramalho*, a instigar um clima de crítica social e de irreverência, abrindo a porta a essa outra primeira farpa anticlerical de Guilherme Braga – *Os Falsos Apóstolos* – que a sua pena acerada aponta ao ressurgente ultramontanismo.

---

<sup>42</sup> “O Homem”, in *Heras e Violetas*, p. 5.

Como se vê, o poeta estava entre os protagonistas das mudanças que se operavam na altura, ao ponto de José Gomes Ferreira dizer que ele, «em determinado instante da encruzilhada dos tempos, deteve nas mãos os destinos da poesia portuguesa».<sup>43</sup>

### 3. Heresias e anátemas

#### 3.1 *Os Falsos Apóstolos*

*Os Falsos Apóstolos* é um pequeno opúsculo de uma trintena de páginas, incluindo, para além do poema, uma advertência em que o autor explica, como vimos, a dedicatória a Herculano e justifica os versos como apenas «um brado de profunda indignação» contra a garra jesuítica dirigida à escola. A epígrafe, uma citação de Victor Hugo, irmana nas nuvens o poeta e o trovão.

Ora, sendo o folheto um brado trovejante, emotivo e violento («um formidável grito, de dor, de cólera, de protesto» – escreve Sampaio Bruno<sup>44</sup>) quase se esgota aí o fôlego do empreendimento do jovem poeta nos seus 26 anos. O poema enferma, de facto, de alguma fragmentariedade e dispersão, e a frágil concatenação das diferentes “cenas” ou quadros, se assim podemos designar as partes constitutivas, retira-lhe alguma solidez.

O poeta, porém, que foi também conceituado tribuno, não é tão nefelibata quanto isso: não apenas lança o olhar sobre a realidade terrena, como, pretendendo operar transformações na sociedade, esforça-se por comunicar argumentos e ser persuasivo. O seu poema vale essencialmente pelo modo como é estabelecida essa comunicação, ainda que ela se apoie numa forma demasiado simplista e, por isso mesmo, suscetível de fácil sucesso: ali surgem, pelo menos, bem definidas as confrontações entre dois mundos antagónicos, que se oferecem à opção dos leitores.

O panfleto vem rotulado pelo autor, logo no frontispício, como «heresia». Ora, este termo provém do grego *αἵρεσις*, que significa isso mesmo: “escolha”. “Escolha”, mas também “conquista”, o que parece pressupor que essa opção se faz através de um processo gradual de emancipação pessoal que o sujeito tenta generalizar entre os demais.

<sup>43</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 73.

<sup>44</sup> J. Pereira de Sampaio (Bruno), *op. cit.*, p. XXV)

É por isso que as armas utilizadas pelo autor são, como veremos, idênticas às usadas pelos seus antagonistas. A escolha que se propõe, numa mera inversão do pensamento cristão, é também entre o Bem e o Mal, entre o reino da luz e o reino das trevas, entre o céu e o abismo, e os argumentos, sempre de estruturação dualista, são semelhantes aos utilizados por Cristo («Eu sou a Luz, a Verdade e a Vida», ou «Não se pode servir a dois senhores», ou ainda «Quem não é por mim é contra mim») e radicalizados pela prática da Igreja, quando se esquecia da magnanimidade do perdão, nas disjunções: ou crês ou és excomungado; ou te retratas ou vais parar à fogueira. É afinal o processo maniqueísta de facilmente arrebanhar prosélitos, reduzindo a vida a pares antagónicos irreconciliáveis e transformando tudo num mundo plano e primitivo, de um lado branco, do outro preto, a cara e a coroa de uma moeda, em que cada parte pretende destruir a outra e eterniza os conflitos, como ainda hoje se vê nos da cena internacional, com líderes que nada aprenderam com os torvelinhos da história.

A argumentação de *Os Falsos Apóstolos*, com o próprio título a subentender a contraposição com os verdadeiros, está densamente povoada de outras antinomias e antonímias: dia e fulgor vs. noite, luz vs. cegueira e estupidez, cruz vs. orgia, aula (livre) vs. jaula, vício vs. virtude, canto vs. grito, flor vs. espinho, abril vs. dezembro, futuro vs. passado e nobre, belo e bom vs. vil.

Ao pretender enfraquecer os seus adversários, o autor utiliza os estereótipos da animalização,<sup>45</sup> neste caso uma bestialização proteiforme, porquanto os bichos com que são identificados a «besta jesuítica» ou os padres em geral sofrem metamorfoses consecutivas, que vão de uma classe a outra ou, até, do real ao fantástico: das feras, lobos, tigres e panteras às toupeiras, víboras e serpentes até aos milhafres e aos monstros. Detém este bestiário um estatuto de infâmia e de vileza, associado à intolerância, ao sangue, ao papel negativo que a Companhia de Jesus e os clérigos pretensamente desempenhavam na sociedade e à sua constante intromissão nos assuntos seculares, afinal origem de todos os malefícios e causas de decadência da nação, enquanto os únicos animais que desfrutam de um estatuto nobre, o leão e as pombas (ou «aves do céu»), se relacionam, respetivamente, com o povo, classe que o poema privilegia, e com a infância, merecedora, na escola, de todo o desvelo, carinho e proteção.

---

<sup>45</sup> Cf. Luís Machado de Abreu, “Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo”, in Idem, *Ensaio Anticlericais*, Lisboa, Roma Editora, 2004, p. 138 a 140.

Mas é aí sobretudo, ao tratar dos conceitos das duas escolas em confronto, que se apuram os contrastes, passíveis de serem sintetizados no seguinte verso: «A escola é-te contrária: afirma o que tu negas».<sup>46</sup>

Segundo o herético autor, o objetivo pedagógico dos Jesuítas, acusados de avessos à Filosofia e à Arte, de «Missionários do Mal e das Trevas» e de «carrascos do ABC», seria, recorrendo a um «preceptor verdugo» e a uma educação violenta, à repressão, ao excesso de regras, à punição, à palmatória, ao jejum e ao silêncio imposto, «do anjo extrair Satan».<sup>47</sup> A escola seria uma espécie de «galé sacerdotal», lugar de horrores, de tortura, de gritos, de aprendizagem forçada até à submissão, à cegueira, à estupidez (aquela «noite escura» proveniente de uma visão obscurantista baseada no «milagre»).

A escola laica, bem ao contrário, contrapor-lhe-ia uma pedagogia de «liberdade e sol», onde coubessem o canto, o sorriso, «os folguedos e o amor» e fosse lugar de «alegre estudo, ameno e festival», onde o mestre não seria mais do que um irmão mais velho e onde o «fulgor» do ensino iluminaria em vez de ofuscar.

A arma da apropriação cristológica usada pela Companhia com o nome de Jesus tem o seu reverso na denúncia que esgrime o autor de a escola religiosa andar «a ver se muda as flamas do Evangelho / Na luz da Inquisição»,<sup>48</sup> acusação inadequada, como se sabe, dado imputar à congregação de Inácio de Loyola delitos que são da responsabilidade de uma ordem rival, muito embora Heliodoro Salgado, no prefácio da 2.<sup>a</sup> edição do panfleto, desculpe o poeta da confusão estabelecida, dado que «os católicos [...] afirmam-se todos solidários, na doutrina e na história, e os apologistas dos jesuítas são, por igual, os apologistas da inquisição», a exemplo do que, lembra o mesmo prefaciador, proclamara um bispo francês, em nome da Igreja: «Hoje somos todos jesuítas!...».<sup>49</sup>

Por isso mesmo, o autor de *Os Falsos Apóstolos* identifica os aliados políticos dos seus rivais, que, em 7 de Maio de 1829, decapitaram, nos patíbulos da Praça Nova da sua cidade natal, os “malhados” aprisionados<sup>50</sup>, enquanto – recordemos para melhor definir os campos opostos – os frades dos Loios e dos Congregados, ali ao pé, se divertiam com brindes de vinho do Porto e aclamações ao rei absolutista:

<sup>46</sup> Guilherme Braga, *Os Falsos Apóstolos*, p. 15.

<sup>47</sup> Id., *ibid.*, p. 12.

<sup>48</sup> Id., *ibid.*

<sup>49</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. IX.

<sup>50</sup> Cf. Sampaio Bruno, *Portuenses Illustres*, Porto, Livraria Magalhães & Moniz, 1908, Tomo III, p. 88 a 94.



«Sei que partido é [o] teu e teu de há longos anos;  
 Que os verdugos que são católicos-romanos  
 Te seguem em tropel;  
 E como do passado a noite se renova  
 Sabei-lo vós também, forcas da Praça Nova,  
 Forcas de D. Miguel!»<sup>51</sup>

E assim, identificados como responsáveis por todos os horrores e arrastando consigo um passado negro de desvios («Tudo o que foi na terra despotismo / Crueldade, rancor, vício, devassidão, / Tudo, tudo o que sai do pavoroso abismo / Onde jaz a realeza e dorme a Inquisição, // Tudo atrás deles vem...»<sup>52</sup>), são os padres acusados de desconhecerem o verdadeiro Cristo morto na cruz por uma causa revolucionária («pregando a sedição, no lago e na montanha, às tribos do Jordão»), um ideal que inspirou todos os que, segundo a História e seguindo-lhe o exemplo, foram assassinados pela liberdade: «Quem sobe ao cadafalso, abraça-lhe a doutrina».<sup>53</sup>

Daí, o esconjuro que representa, afinal, todo o poema («Vai, pedagogo infame.» e, mais adiante: «Foge, Ultramontanismo, espectro sanguinário!»<sup>54</sup>) e que é validado pelo próprio Cristo, na recriação da cena bíblica em que chama a si as criancinhas para as proteger das «matilhas» congreganistas, com alusões diretas à ordem de S. Vicente de Paulo e à Companhia de Jesus, e exorcizá-las com palavras de repulsa, até pelo facto de, hipocritamente, se apropriarem do seu nome ou do de seus particulares amigos: «Eu, que o Lázaro amei, eu fujo aos lazaristas... / Eu, Jesus, detesto os padres de Jesus!».<sup>55</sup> A cena termina com a ratificação por Cristo da perspectiva pedagógica do poeta:

«A escola que eu vos dou não tem por mestre o vício,  
 Por guarda a hipocrisia, a infâmia por lição.  
 Da escola que eu vos dou no imenso frontispício  
 Há-de gravar-se um dia: – O estudo é redenção!

O estudo é luz e amor! Salva, ilumina, eleva!  
 Redime os corações, guiando-os para o bem!  
 Ao novo templo entrai: fugi, fugi da treva,  
 Anjo, que hás-de ser pai! virgem, que hás-de ser mãe!»<sup>56</sup>

<sup>51</sup> Guilherme Braga, *op. cit.*, p. 14.

<sup>52</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 29.

<sup>53</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 19.

<sup>54</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 12 e 16.

<sup>55</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 21.

<sup>56</sup> *Id.*, *ibid.*

Nesta conformidade, o sujeito poético assevera que «As almas de amanhã prescindem do jesuíta, / Basta-lhes bem Jesus» e, mantendo sempre a mesma perspetiva maniqueísta dos seus adversários, que diriam exatamente o mesmo, conclui, tuteando a Companhia e reportando-se ao interesse dela pela escola: «Deus tinha que sair para que tu entrasses».<sup>57</sup>

Convoca, então, à rebeldia o povo, cuja generosidade, ignorância e tendência para o fanatismo seriam aproveitadas pela Igreja, através do púlpito e do confessionário e, agora também, através da escola, para perpetuar, assim, um futuro feito de passado e de submissão: que o «soberbo leão» não se deixe enganar, liberte dessa escola «os leõezinhos» e escorrace «a serpente»: «Basta um rugido só da tua fauce aberta: / Verás como se espanta e foge a miserável!»<sup>58</sup>

O que inspira a crença do sujeito poético é a musa do Progresso («Ó virgem consagrada / Ó cândida vestal do novo altar de Deus! / [...] Ó meiga luz serena! ó flâmula cristã»<sup>59</sup>), um progresso assim endeusado e identificado com um cristianismo libertador da Humanidade, de onde Roma e um catolicismo obscurantista e dogmático devem ser excluídos. E o folheto conclui com a definitiva escolha do poeta: em vez do altar pagão a um deus desconhecido, seja outro erigido com a inscrição: «Ao Deus da luz».<sup>60</sup>

Não passará, pois, de um opúsculo tosco, algo incipiente e mal delineado, que, como já se referiu, se pretendeu como mero grito de indignação. Suscitou, no entanto, por um lado, o aplauso dos liberais, que viram nele um tónico para prosseguirem o combate, e, por outro, a cólera dos adversários. Heliodoro Salgado conta que «os jornais católicos mugiram sandices e que o cónego António Lopes Roseira, de Lamego, e um farmacêutico da Feira fizeram, cada qual, o seu auto-de-fé com exemplares da obra».<sup>61</sup>

Ao primeiro dedicou o poeta os seguintes versos irónicos:

«Queimaste os versos meus? Não fico triste!  
Não, padre Lopes!... Eu até me alegre,  
Eu até folgo por saber que existe  
Um padre branco com acções de negro!

O pior é que tu e a malta obscura  
Que inda infestas na sombra o mundo velho,  
De instante a instante, na fogueira impura,

<sup>57</sup> Id., *ibid.*, p. 12 e 14.

<sup>58</sup> Id., *ibid.*, p. 27.

<sup>59</sup> Id., *ibid.*, p. 30.

<sup>60</sup> Id., *ibid.*, p. 31.

<sup>61</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. XV.

Fareis o mesmo... às folhas do Evangelho.»<sup>62</sup>

Já o farmacêutico da Feira, localidade onde o poeta conheceu a que seria a sua esposa e várias vezes buscou refrigério para os malefícios da tísica<sup>63</sup>, dele mereceu o competente corretivo:

«Tu, bom homem, que sabes o mistério,  
Torvo e fatal, das abortivas plantas,  
Por um morto credor do cemitério,  
Credor da Igreja por mil coisas santas;

.....  
Tu queimaste na sombra o rude canto  
Que ardente me inspirara a nova ideia,  
Face a face com Deus, no templo santo  
Do eterno azul que sobre nós se arqueia!

Tu de meus versos dispersaste ao vento  
Desfeita em cinza a multidão sombria?!  
*De alguém, de alguém talvez, nesse momento,*  
Ria a caveira, sob a lajem fria.»<sup>64</sup>

Mas aquele brado de indignação ecoou, pelos vistos, bem mais longe: do outro lado do Atlântico, tendo, porventura, atingido algum impacto. Um jornal brasileiro da altura – *O Mossorense* –, ao publicar um manifesto público contra adversários que terão atentado contra a vida dos seus redatores, faz anteceder-lo de uma epígrafe com versos de *Os Falsos Apóstolos*, a propósito da liberdade da imprensa: «Livre, a Imprensa incomoda estes bandidos, / Como ao ladrão nocturno a sentinela, / Causa-lhes medo a imprensa!».<sup>65</sup> Também a reação do Bispo de Belém do Pará prova que o opúsculo terá causado particular efeito. Caso contrário, não teria infligido ao autor um anátema e não teria afrontado o seu nome com «o enxovalho público»<sup>66</sup> perante os seus diocesanos.

<sup>62</sup> Id., *ibid.*, p. XVI.

<sup>63</sup> G. B. fez algumas temporadas em casa de familiares da esposa, que era feirense, ou seja na Casa das Ribas, nas imediações do Castelo da Feira. Ver sobre essas estadias: Roberto Vaz de Oliveira, “Guilherme Braga” in *Quinta das Ribas – Família Vaz de Oliveira*, Santa Maria da Feira, Comissão das Comemorações do Centenário de Nascimento de Roberto Vaz de Oliveira, 1999; Idem, “Guilherme Braga, poeta, na Vila da Feira, Casa das Ribas” e “Adenda – Guilherme Braga” in Idem, *Homens do Porto-Barcelos e a Vila da Feira*, Aveiro, separata da revista *Aveiro e o Seu Distrito*, 1971-72 e, ainda, Serafim Guimarães, “Guilherme Braga, um nome das Letras com íntimas ligações a Santa Maria da Feira”, in *Villa da Feira Terra de Santa Maria*, Santa Maria da Feira, Liga dos Amigos da Feira, ano II, n.º 4, Junho 2003.

<sup>64</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. XVI.

<sup>65</sup> Cf. jornal *O Mossorense*, 13/01/1875.

<sup>66</sup> J. Pereira de Sampaio Bruno, prefácio de Guilherme Braga, *O Bispo*, 2.ª edição, Porto, Livraria Camões de Fernandes Possas, 1895, p. XXV.

Estariam estas medidas incluídas na vigorosa campanha empreendida a favor da depuração do catolicismo por este 10.º Bispo paraense, D. Antônio de Macedo Costa (1860-1890), e pelo seu homólogo de Olinda e Recife, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo aos 27 anos, visando muito especialmente a Maçonaria. Esta, à revelia do Papa, que a proibira aos católicos, atuava com grande à-vontade no Brasil, até porque – diz o próprio D. Vital – o imperador D. Pedro II, que se dizia católico, «acreditava que a maçonaria brasileira, diferentemente da europeia, não era perversa.»<sup>67</sup> Com a suspensão de padres a ela afetos e as restrições impostas a confrarias governadas por maçônicos, deram estes prelados origem à chamada “Questão Religiosa”. Sendo Grão-Mestre da Maçonaria o próprio Primeiro-Ministro, o Visconde de Rio Branco, levou este a cabo uma contracampanha, a que aderiram militares e eminentes personalidades maçônicas (Rui Barbosa, Franklin Távora, Saldanha Marinho, Joaquim Nabuco, entre outros) e que iria culminar, em 1874, com a intervenção do imperador e com a condenação de ambos os bispos à prisão por quatro anos, incluindo trabalhos forçados, pena pouco depois comutada para prisão simples. Aliás, a amnistia chegaria menos de dois anos depois.<sup>68</sup>

Nesse entretanto, Guilherme Braga, cuja hipotética ligação à Maçonaria não será fácil provar,<sup>69</sup> não esmorecera. Bem pelo contrário: três anos depois da primeira investida anticlerical e como represália àquela censura eclesiástica, daria à estampa a sua «nova ‘heresia’ em verso», que intitulava *O Bispo*.

---

<sup>67</sup> Cf. *O Bispo de Olinda e os seus acusadores no tribunal do bom senso ou exame do aviso de 27 de Setembro e da denúncia de 10 de Outubro, e reflexões acerca das relações entre a Igreja e o Estado pelo mesmo Bispo*, Rio de Janeiro, Editora Permanência, 2003, disponível in:

[www.permanencia.org.br/revista/politica/Intro.pdf](http://www.permanencia.org.br/revista/politica/Intro.pdf).

<sup>68</sup> Cf. também, acerca da “Questão Religiosa”: Jorge de Lima, «Dom Vital» in Idem, *Obra Completa*, vol. I, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda, 1958, p. 1111 a 1145; sítio da Fundação Joaquim Nabuco in [www.fundaj.gov.br/](http://www.fundaj.gov.br/) e, Dom Antônio de Macedo Costa, *A Questão Religiosa*, Lisboa, 1886 ou Idem, *Direito contra o direito ou o Estado sobre tudo: refutação da theoria dos políticos na questão religiosa, seguida da resposta ao Supremo Tribunal de Justiça pelo Bispo do Pará*, Porto / Braga, Livraria Internacional, 1875.

<sup>69</sup> Não encontramos qualquer referência a uma eventual ligação de Guilherme Braga com a Maçonaria. Ainda que a sanha anticlerical do poeta tenha adquirido contornos de exaltado furor, o facto de o poeta, pelo que se pode verificar em *Os Falsos Apóstolos*, simpatizar mais com os girondinos, a quem tece elogios, do que com os jacobinos pode servir de indício à negação dessa hipótese tão radical. Apesar disso, são conhecidos os vínculos a essa sociedade secreta de inúmeras personalidades relacionadas com a República, incluindo a do sobrinho Alexandre Braga, filho do escritor com o mesmo nome e irmão de Guilherme. Esse sobrinho teria sido iniciado na loja Fax, de Lisboa (Cf. <http://cartasportuguesas.blogspot.com/>).

### 3.2 O Bispo

A epígrafe do novo panfleto, da autoria de Émile Deschamps («...Aucun baume, hélas! ne peut sécher la plaie; / Il faut donc la sonder à toute profondeur, / Et, pour seul antidote, étaler sa hideur.») revela, desde logo, a intenção do poeta de aprofundar a questão e de tratá-la sem qualquer complacência, porventura com outro empenho até a nível de forma e de conteúdo.

Dedicado «aos liberais portugueses e brasileiros das terras de Santa Cruz [e] a todos aqueles que nessas regiões esmagaram denodadamente as víboras jesuíticas», o opúsculo abre com uma contumaz advertência ao Bispo do Pará, pela qual, não lhe concedendo qualquer autoridade para privá-lo da comunhão dos crentes, também ele, o exclui do convívio dos que fizeram uma escolha diferente:

«Embora sobre mim pese  
O teu anátema, aí,  
Eu, bispo de outra diocese,  
Também te excomungo a ti!»

O poema-narrativa abre com a identificação e primeira impressão geral do local da acção:

«No claro azul dum frio céu de inverno,  
Sobra a colina onde a cidade dorme,  
Destaca, ao longe, o escuro vulto enorme  
De antiga catedral;  
Fica-lhe ao lado a sucursal do inferno,  
– Velho epigrama ao lúgubre edifício,  
– Largo covil doirado, aberto ao vício, –  
O paço episcopal.»<sup>70</sup>

Pretenderá o autor, certamente, que se trate da catedral de Belém, sede da diocese do Pará, mas tudo dá a entender que a descrição recai sobre a catedral do Porto, um cenário que lhe é familiar, pois nasceu nas imediações, na mesma rua ou noutra adjacente à Igreja dos Grilos, que foi anteriormente a igreja do Colégio de S. Lourenço que os Jesuítas ali ergueram em 1577, parecendo, assim, comprovar, que a proximidade por vezes gera a repulsa. O bispo reinante era, desde o ano da publicação de *Os Falsos Apóstolos*, o que viria a ser o cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva, reformador,

<sup>70</sup> Guilherme Braga, *O Bispo*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874, p. 7.

a expensas suas, do seminário diocesano, tido por «sacerdote douto e virtuoso»<sup>71</sup>, mas desabridamente visado pelos *Combates e Críticas (1875-1881)* de Silva Pinto, que, a pretexto de refutar a *História Imparcial dos Jesuítas* de Honoré de Balzac, cuja tradução portuguesa por F. G. J. foi dedicada ao prelado, colige, numa série de cartas abertas que lhe dirige, dezenas de crimes e desonestidades imputáveis, segundo ele, à Companhia de Jesus. E, em nota, Silva Pinto não deixa de atingir pessoalmente o bispo, acusando-o de que, sob a sua direção espiritual, «o Porto tem sido nos últimos tempos [...] o valhacouto dos mais negros conspiradores contra a Liberdade».<sup>72</sup>

O poeta também não conhecia por dentro o antro de vício, certamente só imaginado, do paço episcopal. Poderia, no mínimo, ter-se inspirado nalguns excessos que teria presenciado, em 1871, nos três dias que duraram os festejos do outeiro de abadessado em que participou, pelos vistos na companhia de Guerra Junqueiro, no Convento de S. Bento da Ave Maria, também não muito longe da Sé.<sup>73</sup> O mais certo, porém, terá sido o recurso ao estereótipo ou «*topos* do desregramento sexual e das orgias frequentes, a que se entregariam clérigos e religiosos» e que, segundo Luís Machado de Abreu, integra sem falha os textos anticlericais.<sup>74</sup>

Assim, o poeta comete a tarefa de testemunhar a vida íntima do bispo a um sátiro, retirado de um capitel do coro, o qual conhece bem os seus aposentos e se faz acompanhar de um diabo amigo, ali também representado. O sátiro, lascivo e trocista, ao ponto de escarnecer do Cristo, «um cadáver perpétuo exposto ao frio» e pendente da cruz, (estratagem do autor para uma vez mais vituperar uma Igreja necrólatra), conta ao Crucificado tudo quanto pôde ali presenciar. Este, caricatamente, enrubesce de pejo durante a narrativa. Ou seja, a vida escandalosa do prelado era capaz de fazer corar um morto. Aliás, o próprio diabo, durante a visita, se acha menos satânico do que ele e, ao presenciar a opulência em que vive o antístite, naquele «ninho de abutres, perfumado e

<sup>71</sup> Cf. Cónego Dr. Ferreira Pinto, *Actividade Pastoral (Diocese do Porto)*, Porto, s. e., 1950, p. 26.

<sup>72</sup> Cf. Silva Pinto, *Combates e Críticas (1871-1899)*, com um prólogo de Camilo Castelo Branco, Porto, Tipografia de António José da Silva Teixeira, 1882, p. 334; cf. também Honoré de Balzac, *História Imparcial dos Jesuítas*, tradução de F. G. J., Porto, 1877. Silva Pinto terá sido um dos primeiros leitores de *O Bispo*, de Guilherme Braga, que lho ofereceu pessoalmente na tipografia, durante a tiragem do poema. O amigo de Cesário Verde faz assim o retrato do poeta portuense: «Era um tipo insinuantíssimo de romântico: pálido, olhos negros, com a cabeleira e o bigode de guias pendentes, ligeiramente estrábico e com um sorriso frio e levemente desdenhoso. Recebeu-me com simpatia, deu-me um exemplar do *Bispo* e agradeceu-me umas palavras de censura que eu lhe dirigira, tempo antes, numa folha de Lisboa, a propósito de uns versos. – Porque você foi justo: explicou.» Silva Pinto, *Pela Vida Fora (1870-1900)*, Lisboa, Liv. Ed. Guimarães, Libanio & C.<sup>a</sup>, s. d.

<sup>73</sup> Cf. Alexandre Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988, p. 13. O Convento de S. Bento da Ave Maria era na atual estação de S. Bento, no Porto.

<sup>74</sup> Luís Machado de Abreu, *op. cit.*, p. 141.

fofo», uma espécie de «harém cristão», a mesa farta, «a baixela roubada à sacristia», comenta ironicamente: «Os Evangelhos aconselham ao bispo esta humildade».

Ali o encontram inclinando «a calva fronte aos seios túmidos» de uma prostituta andaluza, magistralmente retratada, e a quem o bispo «oscula a carne branca, aveludada e fina, que lhe é dado gozar... mesmo sem *bula*» (o tom irónico sempre presente a rematar as frases).

Dolores – assim se chama a messalina – autorizada a tudo pedir, ouve todo o tipo de promessas do seu amante («Dou-te a igreja, o paço, a adega, / o báculo, o anel, a cruz [...]»), o qual chega a sugerir uma orgia mais alargada, ao prometer-lhe também «um dos cónegos, filha, / por cada beijo dos teus».

Ora, porque os beijos do prelado lhe sabem a sangue, ela pergunta-lhe se ele ama o sangue, o que serve de pretexto para a resposta fazer desfilar, ainda que a traços largos, toda a história sinistra da Igreja, desde os crentes empurrados para o martírio aos autos-de-fé inquisitoriais e todos os requintes das torturas então infligidas, a que a sinistra personagem gostaria de ter assistido. O seu ódio (ou o seu «carácter evangélico», como é várias vezes sublinhado com ironia) visa, afinal, o povo, a Humanidade inteira, porque, estando ela gradualmente a libertar-se de todas as algemas, vai também destruindo «mitras, diademas, báculos, ceptros». A dimensão daquela figura grotesca fica, assim, definida, mas é logo reforçada, no episódio seguinte, pela distorção da catadura e bestialidade do seu comportamento, capazes de assustar o demo, quando ela se levanta para ir à janela aberta sobre o Mundo lançar-lhe o seu anátema:

«Ergueu-se, febril, de um salto,  
Como o tigre nos juncais;  
Seus olhos chispavam lume  
Como os dos lobos cervais;  
Crispava as mãos como garras:  
Tinha rugidos na voz!  
– Satanás tremia, ao ver-lhe  
O rude aspecto feroz.»<sup>75</sup>

O que parece, pois, estar em causa, para o poeta, não é a sua própria excomunhão: é, antes, a ridícula obstinação da Igreja em querer travar a Humanidade inteira na inelutável marcha do progresso e da liberdade, que o bispo considera «gémeos filhos do Mal» e «hidras do pecado». É por isso que a música de fundo para os rugidos

---

<sup>75</sup> *O Bispo*, p. 16.

da fera, aquele anátema identificado com um «fragmento do *Syllabus*», é o sarcasmo do mar, o símbolo mais eloquente da Natureza livre e indomável.

A redondilha dá lugar aos alexandrinos para melhor se coadunar com o solene discurso da episcopal execração. E na boca do bispo, é colocada também toda uma linguagem própria do jogo maniqueísta: é do outro lado que residem o mal, o crime, a impiedade, a opressão, as trevas, e aquilo a que chamam a «nova ideia» é, para ele, uma «sinistra ideia».

O conflito, afinal, não ocorre apenas entre um anatemizador e um condenado. É muito mais amplo e estabelece-se entre Roma e Paris: Roma de Pio IX e dos seus dogmas, Roma, eterna patrocinadora dos conluios do trono e do altar, Roma, «a cuja voz terrível, como à voz de Jeová, tremiam reis e povos» e agora acobardada, a sumptuosa Roma, um dia assolada pelos bárbaros e, hoje, parecendo estar à mercê de novas legiões; Paris das novas ideias, da igualdade, da liberdade, da fraternidade, Paris onde o povo festejou o opróbrio dos reis no cadafalso, Paris que Victor Hugo sonhou, não capital da França, mas de um país chamado Europa<sup>76</sup>, Paris das revoluções plebeias sempre prontas a regressar.

O prelado, perante a indiferença de outros, tenta reagir, sonha com mais castigos a infligir aos adversários, imagina-se Alexandre VI em Roma, capaz de todos os delitos e maquinações, ao lado da sua Vanoza, afinal Dolores, que, com o vezo adivinho do sangue cigano, tem lúgubres pressentimentos: acodem aos seus ouvidos os acordes da Marselhesa que ouvira um dia em Andaluzia a um proscrito francês, prenúncio de uma futura vitória de Paris naquela contenda.

Com nova mudança para uma métrica mais ligeira, a raiva dá lugar de novo à orgia e ao panegírico da embriaguez, para esquecer a plebe, os problemas da sociedade, a orfandade, a miséria, a prostituição, o desemprego, os matrimónios desfeitos, o ateísmo crescente. Bebem o vinho pelo cálice de ouro do altar da Sé, como o último rei da Babilónia, bebia, nos seus festins, pelos vasos preciosos do templo de Jerusalém. É por isso que a ominosa andaluza entrevê, nas paredes do paço, a mesma mão misteriosa que escreveu nos muros de Baltasar as palavras da sua própria condenação e da divisão

---

<sup>76</sup> Em carta datada de 23/4/1870, Victor Hugo, escrevendo a Guilherme Braga para lhe agradecer o envio do primeiro número da republicana *Gazeta Democrática*, diz: «Dentro em pouco terá lugar um grande esvaecimento, que será a desapareição definitiva do passado. Nesse dia completar-se-á 89 – e a Revolução da França será a Revolução da Europa. Nesse dia extinguir-se-ão as fronteiras, teremos todos a mesma pátria, a República, já não haverá França, nem Portugal, nem Alemanha, nem Itália; haverá Paris, capital do Mundo, e a Europa, centro e luz dos continentes. Aguardemos. Esperemos.» Cf. Alberto Moreira, *op. cit.*, p.15s.



do seu reino entre persas e medos: «Mane, Thecel, Phares». Já em *Os Falsos Apóstolos* elas surgiam atribuídas à mão da imprensa livre que traçaria o destino da Igreja romana.

O sátiro retira-se para o lugar que lhe compete no coro e, com ele, o diabo, atónito e confuso. Não pode, não sabe, não quer, inibido de pejo, narrar mais nada daquela cena que nem nos festins de Nero, dos Bórgias, de Messalina e de outros devassos seria possível presenciar. E, movido pela perspectiva maniqueísta, impermeável a meios-termos, exclama: «Naquela orgia, se lá coubesse Deus, Deus rolaria aos pés de Satanás!...».

Entretanto, Cristo permanece na postura inicial, pendente dos braços da cruz, imóvel, sem protesto, indiferente aos que anseiam que ressuscite de vez para dar largas ao seu espírito de rebeldia: parece haver mesmo quem espere – diz o sujeito poético – «ver passar o sorriso de Voltaire / Nos lábios de Jesus.»

E é nesta expectativa (o bispo sem acordo nos braços da amante, uma Igreja incapaz de fazer algo por si própria), que o sujeito poético deixa cair o pano, não sem instar previamente «ao povo ingénuo», que irá oscular os pés do seu dissoluto e indigno prelado, quando ele morrer («Vivo odiou-te: adora-lo na morte!»), que abandone as doutrinas da superstição dos seus exploradores, identificados como sendo o altar e o trono, e tome nas suas mãos o seu próprio destino:

«Quando hás-de tu deixar as vis doutrinas,  
As vis superstições dos tempos velhos,  
E fazer catedrais das oficinas,  
E procurar na Ciência os Evangelhos? [...]

Quando hás-de tu entrar na grande liça,  
E, sacudindo o teu grilhão desfeito,  
Dizer ao Padre: ‘Eu chamo-me Justiça!  
Dizer ao Rei: ‘Eu chamo-me Direito!’?

Suceda à farda a blusa; o ganho à esmola;  
As armas do trabalho à carabina!  
Onde estava a prisão surja uma escola,  
E um teatro onde estava a guilhotina!»

Da liberdade atalaiando o asilo,  
Sê majestoso e bom, sê grande e puro;  
Toma, nas rijas mãos, bravo e tranquilo,  
A sagrada bandeira do futuro!»

É já longo o caminho do Calvário  
Que trilhas, sob a cruz, há tantos anos!...  
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosário!  
Calca, assoberba, esmaga os teus tiranos!»<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> *O Bispo*, p. 32s.

São, assim, retomadas algumas das propostas de *Os Falsos Apóstolos*, mas ao hastear da «flâmula cristã» que, nesse primeiro panfleto, deveria substituir a que ostenta as insígnias romanas, firmadas no passado, parece o poeta preferir, agora, com os eventuais avanços ideológicos entretanto produzidos neste lapso de tempo, e acicatado pela diatribe com o prelado paraense, que se desfralde uma bandeira mais laica e humanista, virada para o futuro, porquanto, assumindo-se como «bispo de outra diocese» completamente diferente, incita o povo a «procurar na Ciência os Evangelhos».

Mas se, entre os dois folhetos, se verifica agora um relativo salto ideológico, também o salto qualitativo é evidente. Heliodoro Salgado considera que *O Bispo* «não é de irrepreensível execução» e enumera mesmo alguns defeitos: uma concepção por vezes absurda, ditada pela tentativa de desagravo pessoal; a inverosimilhança do diálogo entre o prelado e a prostituta, que dificilmente entenderia fosse o que fosse das suas divagações históricas; a falta de episódios «justificativos, que afastassem do livro o absurdo» e a debilidade do nexos entre os vários episódios, que surgem por vezes mal distribuídos e dão ao conjunto a ideia de se tratar, não propriamente de um poema, mas de «uma colecção de violentas *boutades* anticlericais», afinal um esboço provisório para um posterior trabalho definitivo que ficou por fazer. No entanto, não deixa de apontar-lhe, em contrapartida, inúmeras virtudes: a excelência da execução, a expressão plena de energia e colorido, a bem conseguida caracterização do bispo ultramontano, a eloquência de certos momentos como acontece com o lançamento do «formidável anátema», enfim, tudo o que faz de Guilherme Braga, na sua fase culminante, «o poeta de combate por excelência [...], o bardo do Direito» [...], o trovador da Liberdade». <sup>78</sup>

Bulhão Pato encontrou, também ele, em *O Bispo*, «elevação da ideia, cólera sincera, dicção sóbria e tersa, propriedade de epítetos, gosto apurado e forma primorosa». <sup>79</sup>

O que mais surpreende em Guilherme Braga, sobretudo no segundo panfleto, já que o primeiro nos parece muito mais aquele esboço a que alude Heliodoro Salgado, é, para além da sábia adequação da métrica aos vários momentos, para além da finura e parcimónia da ironia, a frescura, vivacidade e fluência da linguagem, que se nos oferece, apesar de quase século e meio decorrido, perfeitamente atual. Se a compararmos, por exemplo, com a dos versos austeros de *A Harpa do Crente* (1838), de

<sup>78</sup> Heliodoro Salgado, *op. cit.*, p. XXI a XXVI.

<sup>79</sup> Bulhão Pato, *op. cit.*, p. 314.

Herculano, publicados apenas 36 anos antes, consideraríamos estes quase trôpegos, perante a graça, o colorido, a desenvoltura e a agilidade que Guilherme Braga trouxe à poesia portuguesa.

### Conclusão

Ao editar *O Bispo*, em 1874, Guilherme Braga, o incansável lutador por causas condicentes com a sua «concepção heróica da existência», terá pensado que aquela não era a sua última grande batalha cívica. Tinha apenas 29 anos, mas transbordavam já de combates, de intenso sofrimento, de vitórias, de uma produção literária significativa, de promessas de muitas outras realizações.

Procurara sempre os grandes valores do Humanismo, da Liberdade e da Justiça, irmanados com o Progresso, ainda que aquela visão redutora e a preto e branco do conflito que o opôs à Igreja o tenha impedido de ser inteiramente justo e de encontrar o meio-termo ou de, pelo menos, vislumbrar algumas das virtudes dos antagonistas. É por isso que o paço episcopal de *O Bispo* é «a sucursal do inferno» e ali apenas evoluem personagens satânicas: um diabo, um sátiro caprídeo que lhe é aparentado, uma mulher pecadora e de maus presságios e um prelado grotesco com lume nos olhos e garras nos dedos.

É, por exemplo, estranho que, com as suas preocupações de ordem social e de igualitarismo, não tenha descoberto, ao caricaturar as escolas jesuíticas, consideradas por muitos como modelos de inovação e investigação, nenhuma vantagem nos serviços prestados à cidade do Porto pelo Colégio de S. Lourenço, com os seus cursos gratuitos e abertas aos menos abastados, até à expulsão da Companhia em 1759.

Teremos que entender que o discurso panfletário é quase sempre hiperbólico, o que acontece também com Junqueiro, que a ideologia não distingue meios e fins e que, afinal, o jogo maniqueísta que jogou com os seus antagonistas é um jogo de tabuleiro, em que os opositores usam à vez as pedras brancas e pretas, ou seja, que, afinal, os seus adversários, mesmo em nome da Justiça e de Deus, caíram repetidamente no mesmo erro com muito maiores e mais negativas repercussões.

É vulgar insinuar-se que, apesar de todos esses erros e desvios, a Igreja permanece de pedra e cal, indiferente e imune a ventos e tempestades, garantida pela grandiosidade da sua História e pelas multidões que acodem aos lugares de culto. Os seus críticos e inimigos, com os seus insultos e ferroadas, não passam de inofensivos

insetos. Parece até que os estereótipos usados pelos seus adversários tiram-lhes todo o crédito, enquanto os clichés do discurso religioso, que se repetem até à exaustão, só contribuem para lhe conferir credibilidade e coerência.

Pelos vistos, também a Terra era azul, os seus recursos inesgotáveis, a sua dádiva permanente, mas todos podemos assistir agora às apocalípticas ameaças que parecem pender sobre a cabeça dos que nela habitam e que não souberam ser-lhe gratos.

José Gomes Ferreira, ao fazer o balanço da campanha anticlerical de Guilherme Braga, considera que, «no fim de contas, e pesando bem as consequências, [ela] só deve merecer a gratidão da Igreja, pois apenas lhe trouxe benefícios».<sup>80</sup> É que intervenções como a do poeta, sustentadas em legítimas preocupações de um crente, que ele sempre foi, apenas podem contribuir para o debate religioso, quando este é aceite, para a reflexão e exame da ação e consequentes modificações para melhor. Apesar de se pretender apresentar a Igreja como refratária a alterações e imune a pressões, tem sido possível assistir a correções, mudanças de linguagem, moderação de posturas dogmáticas, hesitações, recuos, pedidos de perdão pelos erros assumidos ou simples resignação e posterior adaptação, quando se vê ultrapassada por factos consumados. A obra do poeta portuense, em vez da condenação, deveria ter suscitado essa reflexão.

Com o afastamento da Igreja, o percurso de Guilherme Braga foi sofrendo alguma evolução e, mercê do agudizar do conflito, parecia estar a tender para a rutura. Será interessante recordar o que escreveu na introdução da sua tradução de *Atala* (1873) de Chateaubriand, relativamente à «literatura, então em voga, filha da Revolução»: ela «viu arrasada a Bastilha, destruídos os tronos, desfeitos os altares, incendiadas as igrejas, desmoronados os palácios, a realeza sem prestígio, a nobreza sem privilégios, o clero sem respeito, e pensou que lhe era lícito, ao atravessar triunfante por cima de todos esses destroços, [...] escalar o firmamento, rasgar como um véu todos os mistérios divinos, e, abeirando-se do escuro fantasma, que o passado denominava Deus, derrubá-lo, como quem derruba uma estátua, e dizer-lhe, como quem fala a um morto: ‘Vai-te; eu não preciso de ti!’». Daí terá decorrido, segundo ele, a anarquia que sobreveio, uma espécie de castigo para o erro e o crime cometidos: «erro, porque traria consigo a morte moral da sociedade; crime, porque seria o assassínio da alma».<sup>81</sup>

<sup>80</sup> José Gomes Ferreira, *op. cit.*, p. 64.

<sup>81</sup> Guilherme Braga, «A quem lê» in Chateaubriand, *Átala, Renato, O Último Abencerragem*, Porto, Livraria Chardron, 1917 [1873], p. VI.

Do enlevo com que assim fala da obra de Chateaubriand, aderindo claramente àquela «suave concentração da filosofia do cristianismo», da reverência que lhe merece a Divindade nos seus versos («Mas a Deus – princípio santo / Do que é belo, e nobre, e imenso – / Meu espírito levanto / Como ao turíbulo o incenso»<sup>82</sup>) derivará, em *O Bispo*, como vimos, para uma primeira alusão à religião da ciência e para a proposta de «fazer catedrais das oficinas», factos determinados por se ter visto obrigado a arrogar-se como «bispo de outra diocese», ou seja, a assumir uma divergência mais radical.

Nem do seu lado de impenitente, nem do lado da instituição fundada pelo Mestre do perdão, seria de esperar o mínimo gesto de reconciliação. E o poeta iria, sem dúvida, encarniçar-se ainda mais contra aqueles que tudo fizeram para silenciá-lo.

Aquilo que não conseguiram os seus poderosos adversários, conseguiu-o, porém, a tísica, matando-o em 26 de Julho de 1874, pouco tempo depois da publicação do segundo panfleto, «na cidade poeticida, onde morreram Soares de Passos, Júlio Dinis, Henrique Augusto, Alfredo de Carvalho, Pinto de Almeida, e onde engorda o comendador C..., e se torna obeso o capitalista P...».<sup>83</sup>

Como, porém, o bacilo de Koch não é nenhum daqueles bichinhos bibliófagos que infestam as bibliotecas, Guilherme Braga, que merecia muito mais por tudo quanto fez pela liberdade e, sobretudo, pela poesia, permanece vivo, ainda que em intenso torpor, à espera de poder voltar ao pleno convívio dos que amam também esses valores.

---

<sup>82</sup> Guilherme Braga, “O homem que passava...” in *Heras e Violetas*, p. 215.

<sup>83</sup> Carta de G. B. de 27/2/1874, in *Bulhão Pato*, *op. cit.*, p. 321.

## REFERÊNCIAS

### 1. Bibliografia activa

- BRAGA, Guilherme, *Eccos de Aljubarrota*, Porto, Typographia Lusitana, 1868.
- BRAGA, Guilherme, *O Mal da Delfina – paródia à Delfina do Mal por um homem de bem*, Porto, Typographia Lusitana, 1869.
- BRAGA, Guilherme, *Heras e Violetas*, Porto, Typographia da Livraria Nacional, editor F. L. Ferraz, 1869.
- BRAGA, Guilherme, *Heras e Violetas*, 3.<sup>a</sup> edição, prefácio de Albino Forjaz de Sampaio, Lisboa, Empresa Lusitana Editora, s. d.
- BRAGA, Guilherme, *Vestigios da Tradição de Jesus – Amostras de uma tradução dos monumentos apocryphos de historia cristã*, Lisboa, Typographia Universal, 1871.
- BRAGA, Guilherme, *Os Falsos Apóstolos – “Heresia”*, Porto, Typographia Lusitana, 1871.
- BRAGA, Guilherme, *O Bispo – Nova “heresia” em verso*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874.
- BRAGA, Guilherme, *Os Falsos Apóstolos – “Heresia”*, 2.<sup>a</sup> edição, com um estudo crítico por Heliodoro Salgado, Porto, Livraria Camões de Fernandes Possas, 1895.
- BRAGA, Guilherme, *O Bispo – Nova “heresia” em verso*, Porto, 2.<sup>a</sup> edição, com advertência de J. Pereira de Sampaio Bruno, Porto, Typographia Occidental, 1895.
- BRAGA, Guilherme, *Poesias, Na sua maior parte não entradas nas Heras e Violetas*, Barcelos, Editor Rodrigo Velloso, 1898.
- BRAGA, Guilherme, “A quem ler” in Chateaubriand, *Átala, Renato, O Último Abencerragem - traduções cuidadas, com um estudo sobre a “Átala”, do pranteado poeta Guilherme Braga*, Porto, Livraria Chardron, 1917 [1873].

### 2. Bibliografia passiva

- ABREU, Luís Machado de, *Ensaios Anticlericais*, Lisboa, Roma Editora, 2004.

- BRUNO, J. Pereira de Sampaio, “Antes de lêr”, preâmbulo a Guilherme Braga, *O Bispo*, 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Camões de Fernandes Possas, 1895.
- BRUNO, J. Pereira de Sampaio, *Portuenses Illustres*, Tomo III, Porto, Livraria Magalhães & Moniz Editores, 1908.
- BRUNO, J. Pereira de Sampaio, *O Porto Culto*, tomo I, Porto, Livraria Magalhães & Moniz Editores, 1912.
- BUESCU, Helena Carvalhão (coord.), *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- CABRAL, Alexandre, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1988.
- CASTRO, Deolindo de, SALGADO, Heliodoro, BRITO, Teixeira de, GOMES, Delphim, *Homenagem aos Mortos – Guilherme Braga*, Coimbra, Typographia União, 1890.
- COSTA, Dom Antônio de Macedo, *A Questão Religiosa*, Lisboa, 1886.
- COSTA, Dom Antônio de Macedo, *Direito contra o direito ou o Estado sobre tudo: refutação da theoria dos políticos na questão religiosa, seguida da resposta ao Supremo Tribunal de Justiça pelo Bispo do Pará*, Porto / Braga, Livraria Internacional, 1875.
- COELHO, Jacinto do Prado (direcção), *Dicionário de Literatura*, 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Figueirinhas, 1997.
- CORDEIRO, António Xavier Rodrigues, “Guilherme Braga” in *Novo Almanach de Lembranças para o anno de 1881*, Lisboa, Lallemand Frères, 1880, p. III – XXVII.
- FERREIRA, José Gomes, “Guilherme Braga” in João Gaspar Simões (direcção, prefácio e notas bio-bibliográficas), *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Edições Ática, II vol., 1948.
- GARÇÃO, Mayer, “Guilherme Braga” in Idem, *Os Esquecidos*, Lisboa, Empresa Editora e de Publicidade A Peninsular, 1924.
- “Guilherme Braga – Eccos de Aljubarrota” in *O Aristarco Portuguez – Revista Annual de Critica Litteraria*, Coimbra, 1868, p. 161 - 165.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d.

- GUIMARÃES, Serafim, “Guilherme Braga, um nome das Letras com intimas ligações a Santa Maria da Feira”, in *Villa da Feira Terra de Santa Maria*, Santa Maria da Feira, Liga dos Amigos da Feira, ano II, n.º 4, Junho 2003.
- HUGO, Victor, *Les Orientales / Les Feuilles d’Automne*, Paris, Éd. Gallimard, 1964 [1829/1831].
- LIMA, Jorge de, «Dom Vital» in Idem, *Obra Completa*, vol. I, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda, 1958, p. 1111 - 1145.
- LISBOA, Eugénio (coord.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. II, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990
- MOREIRA, Alberto, *Guilherme Braga – Homenagem à memória do grande poeta no 73.º aniversário do seu falecimento*, Separata de *O Tripeiro*, V série, III ano, Porto, 1947.
- MOREIRA, Alberto, *Victor Hugo – A sua influência na mentalidade portuguesa da segunda metade do século passado*, Porto, s. e., 1952.
- O Grande Livro dos Portugueses*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.
- OLIVEIRA, Roberto Vaz, “Guilherme Braga, poeta, na Vila da Feira, Casa das Ribas” e «Adenda – Guilherme Braga» in Idem, *Homens do Porto-Barcelos e a Vila da Feira*, Aveiro, separata da revista *Aveiro e o Seu Distrito*, 1971-72.
- OLIVEIRA, Roberto Vaz, “Guilherme Braga” in *Quinta das Ribas – Família Vaz de Oliveira*, Santa Maria da Feira, Comissão das Comemorações do Centenário de Nascimento de Roberto Vaz de Oliveira, 1999.
- OLIVEIRA, D. Vital Maria Gonçalves de, *O Bispo de Olinda e os seus acusadores no tribunal do bom senso ou exame do aviso de 27 de Setembro e da denúncia de 10 de Outubro, e reflexões acerca das relações entre a Igreja e o Estado pelo mesmo Bispo*, Rio de Janeiro, Editora Permanência, 2003.
- PATO, Bulhão, “Guilherme Braga” in Idem, *Sob os Ciprestes – Vida íntima de homens ilustres*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1877.
- PIMENTEL, Alberto, “Abraço de morte” in Idem, *Homens e Datas*, Porto/Rio de Janeiro, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1875.
- PIMENTEL, Alberto, *Atravez do Passado*, Paris/Lisboa, Guillard Aillaud, 1888.
- PINTO, Cónego Dr. Ferreira, *Actividade Pastoral (Diocese do Porto)*, Porto, s. e., 1950.
- PINTO, Silva, *Combates e Críticas (1875-1881)*, prólogo de Camilo Castelo Branco, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1882.



PINTO, Silva, *Pela Vida Fora (1870-1900)*, Lisboa, Guimarães, Libânio & C.<sup>a</sup>, s.d.

QUENTAL, Antero de, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 8.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Ulmeiro, 2001 (1871).

SÁ, Maria da Graça M. de, “BRAGA (Guilherme)” in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. I, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 1995.

SALGADO, Heliodoro, “Guilherme Braga” in *Guilherme Braga, Os Falsos Apóstolos*, 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Camões de Fernando Possas, 1895.

SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 17.<sup>a</sup> edição, Porto, Porto Editora, 1996.